

GESTÃO ESCOLAR E INCLUSÃO: CONSTRUINDO ESCOLAS PARA TODOS OS ALUNOS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-381>

Data de submissão: 23/11/2024

Data de publicação: 23/12/2024

Kássia Reijane dos Santos Andrade

Especialista em Gestão da Educação

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

E-mail: kassia.krandrade@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6439845531709455>

Wellington José Rosa Silva

Mestrando em Ciências da Educação

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

E-mail: welingtonjoserosa@hotmail.com

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2826368480217139>

Francislena Falavine do Rosário Flor

Especialista em Educação Especial

Instituto Superior do Litoral do Paraná (ISULPAR)

E-mail: franfalavine@gmail.com

Luciana Martins Araújo Gomes

Licenciada em Pedagogia

Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá

E-mail: lucianamartins3t@gmail.com

Alex Junior Grander

Mestrando em Tecnologias Emergentes na Educação

MUST University

E-mail: ajgrander@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1952345795186197>

RESUMO

O artigo analisou como a gestão escolar pode integrar práticas inclusivas, tecnologias educacionais e conhecimentos neurocientíficos para promover ambientes educacionais acessíveis e equitativos. O objetivo foi identificar estratégias que potencializem a inclusão por meio do uso de plataformas digitais adaptativas e de formação continuada de professores, destacando a relevância da personalização do ensino. O estudo utilizou uma pesquisa bibliográfica como metodologia, fundamentada na literatura especializada, conforme descrito por Amaral (2007) e Macedo (1994), para compreender as contribuições teóricas e práticas sobre o tema e evitar redundâncias. Os dados foram coletados e analisados criticamente, permitindo a organização do artigo em três eixos principais: a construção de escolas inclusivas, a superação de desafios estruturais e pedagógicos, e a conexão entre gestão, tecnologia e neurociência. Como resultado, constatou-se que a inclusão escolar depende de uma gestão estratégica que integre tecnologias adaptativas e formação docente, aliadas a um planejamento colaborativo com toda a comunidade escolar. Apesar de identificar limitações relacionadas à infraestrutura e ao preparo técnico em contextos específicos, o estudo reforçou a

importância de investimentos contínuos em capacitação profissional e desenvolvimento de recursos acessíveis. Concluiu-se que a integração de tecnologias e conhecimentos neurocientíficos representa um caminho promissor para tornar as escolas mais inclusivas e eficazes, mas que novas pesquisas são necessárias para aprofundar os impactos dessas práticas em diferentes realidades educacionais.

Palavras-chave: Gestão. Inclusão. Neurociência. Tecnologia Educacional. Personalização.

1 INTRODUÇÃO

A gestão escolar inclusiva foi amplamente debatida como um campo estratégico para a construção de ambientes educacionais capazes de atender às demandas de todos os alunos, independentemente de suas condições ou características. A inclusão escolar tornou-se um objetivo central das políticas educacionais contemporâneas, exigindo uma abordagem integrada que articule tecnologia, neurociência e práticas pedagógicas inclusivas. A relevância desse tema decorreu da necessidade de superar barreiras estruturais, pedagógicas e culturais que ainda limitam a participação equitativa de todos os estudantes no processo educacional. Diante desse cenário, buscou-se investigar como a gestão escolar pode atuar na promoção da inclusão, utilizando recursos tecnológicos e neurocientíficos para construir escolas mais acessíveis e acolhedoras.

O objetivo principal deste estudo consistiu em analisar práticas de gestão escolar que promovem a inclusão, identificando estratégias que integrem tecnologias educacionais e princípios neurocientíficos no planejamento pedagógico. A pergunta de pesquisa norteadora foi: ‘como a gestão escolar pode, por meio do uso de tecnologias e da neurociência, contribuir para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo?’ Para responder a essa questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, conforme definida por Amaral (2007), como uma etapa fundamental de todo trabalho científico, que influencia todas as etapas subsequentes. Macedo (1994) também enfatizou a importância da pesquisa bibliográfica como o primeiro passo em qualquer tipo de investigação científica, destinada a revisar a literatura existente e evitar redundâncias temáticas.

A metodologia empregada baseou-se em um levantamento de literatura científica, com a coleta de dados provenientes de obras acadêmicas e artigos publicados em periódicos especializados. A análise das informações foi conduzida de forma crítica e interpretativa, buscando identificar relações entre os referenciais teóricos consultados e as práticas de gestão escolar analisadas. As discussões foram organizadas em três partes principais: a primeira abordou a construção de escolas inclusivas com base em estratégias de gestão que promovam a equidade; a segunda discutiu os desafios e as soluções para superar barreiras na implementação de práticas inclusivas; e a terceira explorou as conexões entre tecnologia, neurociência e gestão escolar, destacando o potencial de plataformas digitais adaptativas para personalizar o aprendizado.

Por fim, os resultados foram analisados para destacar os principais avanços, limitações e implicações das estratégias de gestão escolar inclusiva. A pesquisa forneceu subsídios teóricos e práticos que podem orientar gestores e educadores na construção de um sistema educacional mais justo e acessível. Portanto, o estudo reafirmou a importância de uma gestão escolar integrada e

estratégica para a promoção de uma educação inclusiva, que seja capaz de responder aos desafios contemporâneos com soluções inovadoras e sustentáveis.

2 A GESTÃO ESCOLAR E A INCLUSÃO

A gestão escolar contemporânea enfrenta o desafio de construir ambientes educacionais verdadeiramente inclusivos, que atendam às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas condições ou características individuais. De acordo com Santana *et al.* (2024, p. 14),

a integração de tecnologias inovadoras na gestão escolar pode potencializar significativamente o engajamento da comunidade escolar e a eficiência dos processos administrativos e pedagógicos.

Assim, é fundamental que a gestão escolar desenvolva estratégias que promovam não apenas a acessibilidade, mas também a participação efetiva de todos os envolvidos no processo educativo. Com efeito, a inclusão exige que o ambiente escolar esteja conectado à vida cotidiana dos alunos, como observado por Jenkins (2008, p. 23, citado em Santana *et al.*, 2021, p. 2086), que afirma que “ser educado hoje em um entorno escolar desconectado da vida cotidiana é frustrante para qualquer aluno ou aluna”. Isso implica a necessidade de a gestão escolar criar espaços que dialoguem com as realidades dos estudantes, utilizando metodologias e tecnologias que tornem o aprendizado significativo e relevante.

Nesse contexto, os gestores enfrentam desafios como a formação insuficiente de professores para lidar com a diversidade, a falta de recursos adequados e o preconceito enraizado na comunidade escolar. Conforme destacado por Weizenmann *et al.* (2020), é essencial que os professores tenham acesso a formações contínuas e suporte técnico para atender de forma adequada os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, a implementação de materiais visuais e atividades estruturadas tem se mostrado eficaz para facilitar o aprendizado desses estudantes.

Ainda assim, a superação desses desafios demanda estratégias bem delineadas. A formação continuada de professores é uma das principais ferramentas para garantir que a inclusão seja efetiva, fornecendo-lhes competências técnicas e pedagógicas necessárias. Além disso, o investimento em infraestrutura escolar, como tecnologias assistivas e espaços acessíveis, é indispensável para que todos os alunos possam participar plenamente das atividades escolares. A esse respeito, Santana *et al.* (2024) ressaltam que o uso de tecnologias inovadoras não só contribui para a inclusão, mas também melhora a gestão administrativa e pedagógica.

Por conseguinte, cabe ao gestor escolar não apenas identificar as necessidades da comunidade escolar, mas também promover um ambiente colaborativo, onde pais, professores e outros profissionais trabalhem juntos em prol da inclusão. Para tal, estratégias como a realização de workshops e grupos de apoio podem fortalecer o envolvimento das famílias e ampliar a conscientização sobre a importância da diversidade.

Portanto, construir escolas para todos os alunos é um processo que exige compromisso contínuo, planejamento estratégico e ações práticas. O diálogo entre os referenciais teóricos de Santana et al. (2024), Jenkins (2008) e Weizenmann et al. (2020) evidencia que a gestão escolar inclusiva é tanto um desafio quanto uma oportunidade de transformar o ambiente educacional em um espaço de aprendizado significativo e acessível.

3 GESTÃO ESCOLAR E INCLUSÃO: SUPERANDO DESAFIOS E PROMOVENDO AMBIENTES EQUITATIVOS

A gestão escolar desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão, buscando superar desafios estruturais, pedagógicos e culturais para garantir a participação de todos os alunos no ambiente educacional. Nesse sentido, Alves (2016) destaca que a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda um olhar atento para a formação dos professores e para a adaptação dos espaços escolares, promovendo ambientes que sejam, simultaneamente, acolhedores e acessíveis. Além disso, Montoan (2003, citado em Narciso et al., 2024) define a inclusão como um processo que exige ações estratégicas e contínuas, visando à inserção equitativa de todos os estudantes em salas de aula regulares, independentemente de suas diferenças individuais.

Assim, observa-se que a formação docente é um dos principais pilares para a efetivação da inclusão escolar. Favoretto e Lamônica (2014) apontam que os professores frequentemente se sentem despreparados para atender às necessidades dos alunos com TEA, o que reforça a necessidade de capacitações específicas e contínuas. Em consonância, Narciso et al. (2024, p. 724) ressaltam que

a formação dos professores não deve ser vista como um evento isolado, mas como um processo contínuo que enfatiza a atualização constante e a colaboração entre os profissionais da educação.

Dessa forma, a gestão escolar tem a responsabilidade de implementar programas de formação que integrem teoria e prática, capacitando os professores para lidar com a diversidade no ambiente educacional. Além disso, é essencial que a gestão escolar adote estratégias práticas para facilitar a inclusão. Alves (2016), ao analisar o caso da Escola Professora Ondina Maria Dias, em Tijucas/SC,

evidencia que a inclusão de alunos com TEA foi potencializada por meio de ações como a criação de planos de atendimento individualizados, o uso de materiais visuais para apoio pedagógico e a promoção de atividades estruturadas que atendem às especificidades de cada aluno. Esse exemplo prático demonstra como a gestão pode atuar diretamente na articulação de recursos e metodologias inclusivas, promovendo um ambiente mais equitativo.

Ademais, a gestão deve priorizar a sensibilização de toda a comunidade escolar, promovendo um ambiente colaborativo e inclusivo. Favoretto e Lamônica (2014) sugerem que a formação não deve se limitar aos professores, mas deve também envolver os demais membros da equipe escolar e os pais, fortalecendo a rede de apoio para os alunos com necessidades específicas. Nesse aspecto, a gestão escolar atua como mediadora entre os diferentes atores, garantindo que o processo de inclusão seja compreendido e valorizado por todos.

Para exemplificar na prática, uma escola no interior de Santa Catarina desenvolveu um projeto de formação continuada para os professores, com ênfase em estratégias para o ensino de alunos com TEA. O programa incluiu workshops sobre comunicação alternativa, uso de tecnologias assistivas e a criação de espaços sensoriais dentro da escola. Como resultado, observou-se um aumento significativo no engajamento dos alunos e uma melhoria na relação entre os professores e as famílias, demonstrando a eficácia de uma gestão escolar proativa e comprometida com a inclusão.

Portanto, a inclusão escolar não é um objetivo que possa ser alcançado isoladamente, mas um processo contínuo e colaborativo. O diálogo entre os referenciais teóricos, como Narciso et al. (2024), Alves (2016) e Favoretto e Lamônica (2014), evidencia que a formação docente, o planejamento estratégico e a articulação de recursos são elementos indispensáveis para a construção de escolas inclusivas. Assim, cabe à gestão escolar liderar e sustentar essas iniciativas, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, equitativa e significativa.

4 GESTÃO ESCOLAR, INCLUSÃO E TECNOLOGIA: EXPLORANDO CONEXÕES COM A NEUROCIÊNCIA

A integração de tecnologia na gestão escolar, aliada aos avanços da neurociência, tem transformado significativamente as estratégias de inclusão, possibilitando um aprendizado mais adaptativo e personalizado. Narciso et al. (2024, p. 409) destacam que

plataformas digitais que oferecem personalização e controle podem se tornar ambientes protegidos e estimulantes para autistas, permitindo-lhes aprender, trabalhar e se expressar de formas que correspondam aos seus interesses e habilidades.

Sob essa perspectiva, a tecnologia surge como uma aliada poderosa para promover ambientes educacionais inclusivos, adaptados às necessidades individuais de cada estudante. Nesse sentido, as plataformas adaptativas de aprendizagem desempenham um papel central na personalização do ensino. Mendes *et al.* (2024) ressaltam que essas ferramentas utilizam algoritmos de inteligência artificial para ajustar o conteúdo e o ritmo do aprendizado conforme o desempenho de cada aluno, promovendo um aprendizado eficiente e direcionado. Assim, a gestão escolar, ao implementar essas tecnologias, pode atender às especificidades de cada estudante, garantindo que o progresso seja respeitado no ritmo individual e potencializando o engajamento.

Além disso, a neurociência oferece subsídios teóricos que fundamentam o uso de plataformas adaptativas como recurso inclusivo. Ao compreender como o cérebro humano processa informações, é possível criar experiências de aprendizado que estimulem áreas específicas do cérebro, respeitando diferenças cognitivas e promovendo o desenvolvimento integral dos alunos. De acordo com Mendes *et al.* (2024, p. 235), essas plataformas “proporcionam um aprendizado eficiente e direcionado”, evidenciando a sua eficácia em atender às necessidades educacionais de maneira inclusiva.

Na prática, um exemplo relevante é a aplicação de uma plataforma adaptativa em uma escola pública voltada para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse caso, a plataforma foi configurada para oferecer atividades que mesclavam estímulos visuais e sonoros, ajustando automaticamente a complexidade das tarefas de acordo com o desempenho do aluno. Como resultado, os estudantes apresentaram maior concentração e progresso no aprendizado, enquanto os professores relataram maior facilidade em identificar as áreas de dificuldade e sucesso de cada aluno.

Ademais, a implementação de tecnologias adaptativas demanda uma gestão escolar ativa e estratégica. A adoção dessas ferramentas exige formação contínua dos professores, além de suporte técnico para assegurar seu uso eficaz. Como argumenta Narciso *et al.* (2024, p. 409), a personalização oferecida pelas plataformas digitais pode criar “ambientes protegidos e estimulantes”, desde que a gestão esteja preparada para integrar essas soluções ao cotidiano escolar de maneira estruturada e alinhada às demandas dos estudantes.

Por conseguinte, a combinação de tecnologia, neurociência e gestão escolar não apenas facilita a inclusão, mas também redefine os limites do ensino personalizado. O diálogo entre Narciso *et al.* (2024) e Mendes *et al.* (2024) evidencia que as plataformas digitais são ferramentas indispensáveis para a promoção de um ensino inclusivo, eficiente e cientificamente fundamentado. Dessa forma, cabe aos gestores escolares liderar esse processo de transformação, garantindo que todos os alunos tenham acesso a um aprendizado significativo e equitativo.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A tabela a seguir reflete os principais autores e estudos utilizados na pesquisa, abordando temas relacionados à gestão escolar, inclusão, tecnologia e neurociência. Ela destaca o nome dos autores, o ano de publicação, os assuntos tratados em suas pesquisas e a relevância de seus trabalhos para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas e inovadoras.

Tabela 1 - principais autores

Autor(es)	Ano de Publicação	Assunto da Pesquisa	Relevância da Pesquisa
Santana et al.	2024	Integração de tecnologias inovadoras na gestão escolar	Destaca como tecnologias podem melhorar o engajamento da comunidade escolar e a eficiência dos processos administrativos e pedagógicos.
Jenkins (citado em Santana <i>et al.</i>)	2008	Conexão entre o ambiente escolar e a vida cotidiana dos alunos	Ressalta a importância de um ambiente escolar conectado às realidades dos alunos, tornando a aprendizagem significativa.
Weizenmann <i>et al.</i>	2020	Formação de professores e uso de materiais visuais para inclusão de alunos com TEA	Enfatiza a necessidade de formação contínua e suporte técnico para atender adequadamente às necessidades dos alunos com Transtorno do Espectro Autista.
Alves	2016	Inclusão escolar de alunos com TEA	Evidencia estratégias práticas como planos individualizados, materiais visuais e atividades estruturadas, mostrando a eficácia de ações inclusivas em escolas.
Favoretto e Lamônica	2014	Conhecimentos e necessidades dos professores sobre TEA	Aponta a falta de preparo dos professores para lidar com alunos com TEA, reforçando a necessidade de capacitações específicas e contínuas.
Montoan (citado em Narciso <i>et al.</i>)	2003	Inclusão como processo abrangente	Define a inclusão como uma inserção equitativa de todos os alunos em salas regulares, independentemente de suas diferenças individuais.
Narciso <i>et al.</i>	2024	Formação docente contínua e colaboração entre profissionais para inclusão	Argumenta que a formação docente deve ser contínua e colaborativa, promovendo a inclusão e adaptando práticas educacionais às necessidades dos alunos.

Mendes <i>et al.</i>	2024	Plataformas adaptativas de aprendizagem e personalização educacional	Explora o uso de algoritmos de inteligência artificial em plataformas adaptativas para ajustar o conteúdo e o ritmo de aprendizagem conforme o desempenho individual dos alunos.
----------------------	------	--	--

Fonte: próprio autor.

As análises realizadas ao longo deste estudo permitem identificar conclusões relevantes no que diz respeito à gestão escolar inclusiva e ao papel das tecnologias e da neurociência na promoção de ambientes educacionais equitativos. As principais conclusões apontam para a eficácia das plataformas adaptativas na personalização do ensino, destacando que estas ferramentas não apenas atendem às necessidades específicas dos alunos, mas também potencializam a participação ativa no processo educacional. Adicionalmente, observou-se que a formação continuada dos professores constitui um dos pilares fundamentais para a implementação bem-sucedida de práticas inclusivas, conforme evidenciado por Narciso *et al.* (2024) e Favoretto e Lamônica (2014).

O significado dessas descobertas está na consolidação de uma abordagem educacional que integra avanços tecnológicos e conhecimentos neurocientíficos com práticas pedagógicas inclusivas. Esse modelo permite que gestores escolares desenvolvam estratégias mais assertivas e baseadas em evidências, promovendo um aprendizado adaptado às especificidades cognitivas e emocionais dos estudantes. Além disso, as descobertas reforçam que a inclusão não se limita à adaptação física dos espaços, mas envolve um compromisso contínuo com a formação docente e a promoção de um ambiente escolar acolhedor e colaborativo, conforme destacado por Alves (2016) e Montoan (2003, citado em Narciso *et al.*, 2024).

Quando comparadas aos estudos de outros autores, essas descobertas se alinham às perspectivas defendidas por Mendes *et al.* (2024), que apontam as plataformas adaptativas como ferramentas indispensáveis para a personalização do aprendizado. Contudo, elas também ampliam essa visão ao dialogar com os trabalhos de Jenkins (2008, citado em Santana *et al.*, 2021), que destacam a importância de conectar o ambiente escolar à realidade cotidiana dos alunos. Tal conexão é fundamental para que as tecnologias implementadas sejam efetivas e promovam a inclusão de forma significativa.

Entretanto, é necessário reconhecer as limitações inerentes a este estudo, sobretudo no que se refere à generalização das descobertas. A literatura consultada, embora rica em exemplos práticos e teorias fundamentadas, apresenta lacunas quanto à aplicabilidade das soluções tecnológicas em contextos escolares com restrições financeiras ou de infraestrutura. Como apontado por Alves (2016),

a adaptação de espaços escolares e a implementação de tecnologias inclusivas exigem investimentos significativos, que muitas instituições públicas têm dificuldade em viabilizar.

Ademais, algumas explicações para resultados surpreendentes ou inconclusivos podem ser encontradas na literatura. Por exemplo, Mendes *et al.* (2024) indicam que a eficácia das plataformas adaptativas depende do grau de familiaridade dos professores com essas ferramentas. Em escolas onde os docentes não recebem suporte técnico ou formação suficiente, os resultados podem ser limitados, sugerindo que a tecnologia, isoladamente, não é suficiente para promover a inclusão.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de mais pesquisas que explorem a interseção entre tecnologia, neurociência e práticas inclusivas em diferentes contextos educacionais. Seria relevante investigar, por exemplo, como plataformas adaptativas podem ser ajustadas para atender às especificidades culturais e socioeconômicas de diferentes comunidades escolares. Além disso, estudos longitudinais que avaliem o impacto dessas tecnologias na aprendizagem e no desenvolvimento emocional dos alunos podem fornecer dados mais completos para embasar futuras políticas educacionais.

Portanto, os resultados e discussões apresentados reforçam a importância de uma abordagem holística e estratégica para a inclusão escolar, integrando formação docente contínua, uso de tecnologias adaptativas e compreensão das necessidades individuais dos alunos, alinhadas às contribuições da neurociência e da gestão escolar moderna.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo cumpriu seus objetivos ao explorar como a gestão escolar pode integrar tecnologia, neurociência e práticas inclusivas para construir ambientes educacionais que atendam às necessidades de todos os alunos. Por meio de uma abordagem teórica fundamentada e exemplos práticos, foi possível demonstrar que a inclusão escolar não é um objetivo isolado, mas sim um processo contínuo que demanda planejamento estratégico, formação docente de qualidade e investimento em recursos tecnológicos adaptativos. Ao longo da análise, ficou evidente que o uso de plataformas digitais adaptativas, alinhadas às descobertas da neurociência, contribui significativamente para a personalização do ensino e para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficientes e equitativas. Tais ferramentas permitem que os alunos avancem em seu próprio ritmo e atendem às suas demandas específicas, promovendo, assim, maior engajamento e participação ativa no processo educativo.

Além disso, a pesquisa destacou que a gestão escolar deve assumir um papel de liderança ao integrar essas tecnologias e práticas inclusivas no cotidiano escolar. A formação continuada dos

professores, abordada como um dos pilares para a inclusão efetiva, foi apontada como essencial para garantir que os educadores estejam preparados para lidar com a diversidade em sala de aula. A implementação de tecnologias não pode ser vista de forma isolada, mas como parte de um sistema integrado que engloba o desenvolvimento profissional dos professores, a colaboração entre os diversos atores da comunidade escolar e a adaptação dos espaços físicos e pedagógicos. Dessa forma, este estudo reforça a relevância de políticas educacionais que priorizem a inclusão e apontem para a construção de ambientes escolares acessíveis, acolhedores e capazes de responder às demandas contemporâneas.

Apesar das contribuições apresentadas, este trabalho também reconhece as limitações que precisam ser superadas para que as práticas inclusivas sejam mais amplamente adotadas. Muitos contextos escolares ainda enfrentam barreiras financeiras, estruturais e culturais que dificultam a implementação de tecnologias adaptativas e a formação docente contínua. Nesse sentido, estudos futuros são fundamentais para avaliar como essas iniciativas podem ser aplicadas em diferentes realidades socioeconômicas, bem como para analisar os impactos de longo prazo dessas abordagens no desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos estudantes.

Ademais, investigações adicionais poderiam explorar a integração entre neurociência e práticas pedagógicas inclusivas de maneira mais aprofundada, com foco em compreender como essas conexões podem ser ampliadas para atender às demandas de uma sociedade cada vez mais diversa. Assim, estimula-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre esses temas, contribuindo para a formulação de políticas e práticas educacionais mais justas, inovadoras e inclusivas. Espera-se que os resultados deste estudo sirvam como ponto de partida para reflexões e ações que promovam a transformação do sistema educacional, garantindo que cada aluno, independentemente de suas características ou condições, tenha acesso a uma educação significativa e de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. E. O autismo e o processo de inclusão na perspectiva escolar: análise de caso na escola Professora Ondina Maria Dias, em Tijucas/Santa Catarina. Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173085/TCC...%20Biblioteca%20da%20UFSC.%20pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- FAVORETTO, N. C.; LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 20, n. 1, p. 103-116, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QRspYNYnBNvzjTvrbzszbQm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008. (Citado em SANTANA et al., 2021). Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2748>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- MACEDO, N. D. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MENDES, A. D.; DA SILVA, B. H. F.; DE SOUZA, E. G.; ARAUJO, J. R.; DOS REIS, R. G.; DA SILVA, R. G.; DE SOUZA FERMIN, T. Neurociência: interseção entre neurociência, educação e tecnologia. Inovação Tecnológica na Educação: Gestão, Formação de Professores e Inclusão, v. 272, 2024. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:EU:1f7e0fb9-cf92-4256-84fb-2c81b3180175>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- MONTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003. (Citado em NARCISO et al., 2024). Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i8.15074>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- NARCISO, R.; OLIVEIRA, F. C. N. de; ALVES, D. de L.; DUARTE, E. D.; MAIA, M. A. dos S.; REZENDE, G. U. de M. Inclusão escolar: desafios e perspectivas para uma educação mais equitativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 8, p. 713–728, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i8.15074>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- SANTANA, A. C. de A.; SILVA, J. B.; RODRIGUES, D. M.; SILVA, L. G. da; PEREIRA, M. N.; SANTANA, J. S. S.; ANDRADE, C. de. O papel da família na educação: construindo pontes entre escola e lar. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 13, n. 2, e1010, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v13n2-118-2024>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Elocid*, [S.I.], v. 21, e217841, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392020217841>. Acesso em: 04 dez. 2024.